

Subjetividade e Entrevistas com Especialistas

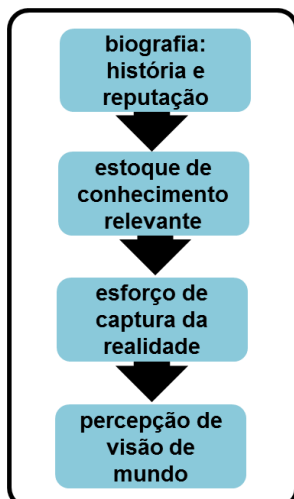
Nas estratégias de pesquisas que envolvem universos complexos, cada vez mais são utilizadas técnicas de coleta de narrativas de **especialistas**. O objetivo desta forma de coleta de informações, busca o esclarecimento ou – no caso dos contextos hiper complexos – indícios de entendimento de nuances acerca de um contexto.

Natanson (1974) observa esta temática como um campo, ou forma específica de interpretar o mundo. Assim, para ele, cada ator especialista desenvolve uma perspectiva com base em seu histórico de interesses, em sua trajetória de vivências e em seu **estoque de conhecimento**.

Essa visão de um determinado ator especialista não poderia, nunca, ser estabelecida por bom senso ou por uma visão com validade universal. Este processo configura, portanto, a exploração do senso individual, do sentido subjetivo de sua biografia – reputação na área, experiência acumulada, visão única, com base em vivência particular. Schutz (1974) trabalha sobre o conceito de um tipo de conhecimento específico que cada ator pode ter. Este **conhecimento tácito**, específico de um ator especialista, com muita e expressiva experiência em determinado campo, conforma uma visão – e interpretação – de uma perspectiva de mundo particular.

A 'fenomenologia da atitude natural' de Schutz (1974, p.15) vai tratar dessa ideia de entendimento de contextos a partir da soma de subjetividades, da soma de 'biografias', da soma de conjuntos de experiências. Nesta 'fenomenologia social', as atitudes e intenções de cada sujeito, são observadas num espectro, de tal forma amplo, que inclui o entorno do indivíduo, sua consciência, sua visão de mundo, seus valores e significados. É este conjunto que acaba por (con)formar a biografia daquele indivíduo. Na escolha de determinado ator especialista como fonte de pesquisa, é precisamente, este histórico biográfico que importa e traz relevância. A fonte, neste caso, representa um 'estoque de conhecimento' específico, particular, único e fundamental. Este conjunto de características biográficas, devem, portanto, ser uma das fontes principais da etapa de organização e categorização dos dados.

¹ Como citar: REIS FILHO, Paulo. Subjetividade e Entrevistas com Especialistas. Artigos Técnicos. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação. Ano.3. Vol.31, 2019. Disponível em: http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol_31_subjetividade_entrevistas_especialistas_2019.



Figura; Esquema de condução de entrevista com especialista
Fonte: Do autor

As Entrevistas

A entrevista com especialista, como as demais formas de pesquisa qualitativa, tem o objetivo de compreender fenômenos, suas razões, motivações e significados. Isto se dará por meio de intensa e planejada observação, sobre uma determinada percepção do fenômeno, ou seja, por meio de um **viés subjetivo** e socialmente construído.

Nas pesquisas qualitativas o pesquisador se insere, faz parte, mais ou menos imersiva, do fenômeno observado. No caso específico das entrevistas com especialistas, o pesquisador é que deve determinar as formas de abordagem – no momento de coletar as percepções fenomênicas e ou expressões narrativas – com maior ou menor afastamento.

O ator especialista é, então, aquele indivíduo que detém um *status* relacional ou funcional. Para Meuser e Nagel (1991) estes atores especialistas são aqueles que de alguma forma são responsáveis pela concepção, implementação e/ou controle sobre determinado campo, são aqueles que, por suas **trajetórias**, possuem acesso antecipado ou privilegiado a informações sobre setores, atividades, locais, contextos, grupos, conselhos administrativos e tomadas de decisão.

É fundamental o registro padronizado, com a caracterização dos entrevistados / especialistas. Estes devem estar identificados com números ou letras e, deve-se estruturar uma tabela contendo: a) o cargo ou atividade que o caracteriza como especialista; b) a empresa, instituição ou local onde atua; c) o tempo ou experiência acumulada.

Em Campo

A seguir listamos, com base em Meuser e Nagel (1991), um conjunto de situações críticas acerca dos processos de entrevistas com especialistas, que valem cuidados e preparação:

- a) o especialista bloqueia a entrevista: esta situação pode ocorrer quando o entrevistado não é um especialista no tema, por exemplo,

por não mais encontrar-se exercendo a função ou, ainda, quando o mesmo se recusa a discutir o tema em um contexto formal e diante de um gravador;

b) o especialista envolve o pesquisador na entrevista e faz dele também um especialista: esta postura possui um caráter pejorativo, ou seja, o entrevistado deixa transparecer que o tema da pesquisa não é de seu interesse e utiliza o pretexto da entrevista para falar de outros assuntos ou problemas que estão ocorrendo no âmbito de sua gestão;

c) o especialista muda de papel: trata-se de uma posição em que o entrevistado, em alguns momentos, emite opiniões como especialista e, em outros, como pessoa privada. O pesquisador não tem como interferir nessa dinâmica; sugere-se não levar em consideração essas partes da entrevista no momento da análise;

d) o especialista inverte os papéis e passa a fazer perguntas ao pesquisador: tal situação pode ocorrer em casos em que o especialista passa a questionar o pesquisador sobre os objetivos de sua pesquisa, sobre o departamento/universidade à qual está vinculado etc.;

e) o especialista está mais interessado em uma espécie de troca de ideias com o entrevistador: são casos em que o especialista parte do princípio de que existe uma reciprocidade de perspectivas entre ambos e o pesquisador é transformado em coespecialista. Nesses casos, os autores sugerem uma abertura do discurso, ou seja, uma condução menos estruturada da entrevista, que permita um direcionamento e detalhamento dos objetivos da pesquisa e sua relação com o contexto em que se encontra o especialista;

f) o especialista transforma a entrevista em uma espécie de “retórica”: ocorre em situações nas quais o entrevistado discorre sobre o conhecimento que possui sobre determinado assunto em forma de discurso ou palestra. (MEUSER & NAGEL, 1991 apud WELLER & ZARDO, 2013, p.136)

Como apontam Bardin (2000) e Queiroz (1983) o momento da transcrição é um dos mais críticos e proveitosos, Apesar do desgaste físico, é neste momento que se vislumbram os detalhes daquele contexto estudado e, de forma natural, ocorrem as elaborações prévias de análises e conceitos.

As entrevistas podem e devem ser editadas. Exceto quando se pretende fazer análise de discurso, frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacofonias, erros gramaticais, etc. devem ser corrigidos na transcrição editada. É importante, porém, manter uma versão original e uma versão editada de todas as transcrições (...) (DUARTE, 2004, p. 22)

Esta etapa do trabalho deve, também, ser acompanhada das associações e interações oferecidas pelo **caderno de campo** – as anotações, contextualizações e registros coletados durante os processos de interação. O resultado final, em muitos casos, pode ir bem além da narrativa transcrita.

(...) os dados que podem ser analisados, tendo como procedimento de coleta uma entrevista, são inúmeros e o produto verbal transcrito é um dos possíveis recortes desses dados. Dessa forma, temos optado, atualmente, por utilizar as expressões informações advindas da entrevista, dados advindos da entrevista, verbalizações advindas das entrevistas, ao invés da expressão a entrevista foi transcrita e analisada, pois, como apontamos, muitas podem ser as informações

transcritas, de natureza verbal ou não-verbal, e muitos podem ser os dados a serem analisados (MANZINI, 2006, p. 371)

Observando Narrativas

O estudo das narrativas se apoia na lógica humana da contação de histórias, em nossa tradição de transmissão oral de fatos e conceitos. O estudo narrativo tem como cerne a construção ontológica, o mapeamento dos distintos elementos semânticos envolvidos numa narração.

Embutida numa narrativa expressa está um conjunto de elementos culturais e históricos que moldaram aquele indivíduo. Uma expressão narrativa tem essa potência de trazer à luz, uma trajetória única.

(...) acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isso significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. Esse trabalho da linguagem em cristalizar imagens que remetem a, e que significam novamente, a experiência é comum a todas as narrativas (...). Mas talvez não tenhamos dado ainda a devida atenção para esse trabalho da linguagem nas chamadas “fontes orais”. (ALBERTI, 2003, p.1)

Nessa perspectiva, como quer Geertz (1989) uma narração só se faz possível a partir da existência prévia de um estoque de experiências e vivências – frutos de sequenciadas interações culturais, históricas, simbólicas e sociais das pessoas. Assim, cada ‘lente’ subjetiva é, na prática, a resultante de somas intersubjetivas.

Com base em Motta (2013, p.140-143) estruturamos 3 macro planos para a análise de narrativas. O objetivo é estabelecer uma lógica de apropriação da narrativa com uma ‘lente’ que busca identificar uma determinada composição, para depois decompor e recompor o todo: Assim, temos uma primeira etapa onde se observa e investiga a história (plano da estória: sequências, argumentos, significados e unidade; uma segunda etapa onde se observa e identifica no texto (plano da expressão) a forma da linguagem, suas relações semânticas e simbólicas; e uma terceira etapa onde se busca observar e relacionar os planos anteriores com as questões histórico-sociais (plano da metanarrativa) e suas interpretações.

Nessa sequência é fundamental a atenção aos marcos causais, às cadeias de episódios críticos, situações essenciais, elementos simbólicos e registros fenomênicos, durante a narrativa, com o objetivo de construir um grande mapa cognitivo / conceitual. Para este acompanhamento o **caderno de campo** é ferramenta essencial.

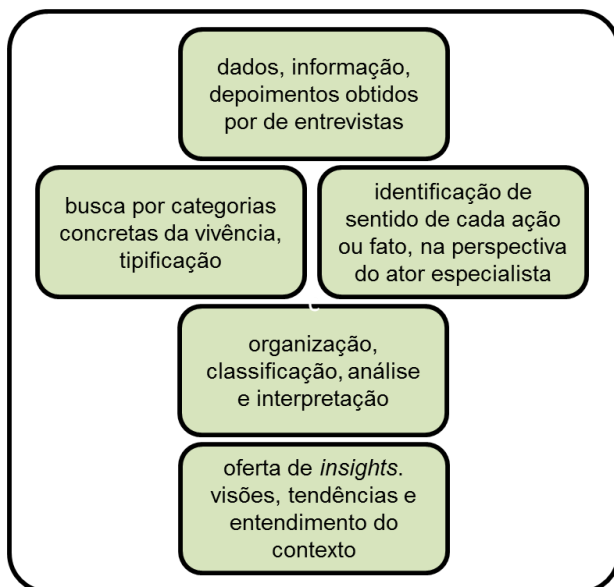


Figura: Estrutura conceitual de condução de entrevista com especialista.
Fonte: Do autor.

Conteúdo

Complementando o texto acima, com base em Kronberger (2013, 426-439), a análise de conteúdo, para a construção de um *corpus* relevante (Bauer, 2013), pode ser estruturada com a canalização para 4 grandes perspectivas: aspecto positivo; aspecto neutro; aspecto negativo; e aspecto ambivalente.

Outra forma de estruturar o conteúdo é por meio de classes semânticas, ou seja, promover associações por semelhança; contexto, metáfora; simbologia; e viés. Para KELLE (2013, 396-412) e GILL (2013, 253-267) o trabalho de estruturação deve obedecer a sequência de algumas macro etapas:

- Registro;
- Transcrição;
- Codificação – hierarquia, sobreposição, sequência, proximidade, ...;
- Análise da transcrição; e
- Categorização.

Outra abordagem se dá na perspectiva semiológica. Para dar corpo à esta análise, Penn (2013, 319-341) indica um tipo de construção que se caracteriza como a seguir:

denotação	sintagma	conotação	conhecimento
O que é...	O que sugere de forma equivalente	O que representa ou simboliza	As referências culturais genéricas

A ideia de estruturação de conteúdo de Liakopoulos (2013, 218-239) a seguir, busca reproduzir a lógica cognitiva contida na narrativa original, organizando a visão sequenciada do argumento:

1)	dados	2)	desenvolvimento	3)	justificativa	4)	conclusão
	início da narrativa		garantia, suporte		apoio, exemplo		proposição

O pesquisador, nas entrevistas, sejam programadas ou episódicas, deve ter o apoio do caderno de campo para os complementos relacionados à definições subjetivas, expressões, narrativas situacionais e registros gerais. Além do conteúdo, naturalmente, a questão mais crítica é a identificação do entrevistado, para tanto, como apontam Schutze (1992) e Flick (2013), uma série de características e justificativas devem ser coletadas e organizadas: data; lugar; duração; entrevistado; entrevistador; identificação (gênero, idade, empresas, cargo, profissão, relevância, entre outros.

Referências

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, M.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos.
- BAUER, M.; GASKELL, C. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisa qualitativas. Curitiba, Educar, n. 24, p 213-225, 2004.
- FLICK, U. Entrevista episódica. In: Bauer & Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- MOTTA, L. Análise crítica da narrativa. Brasília: Editora da UnB, 2013.
- ALBERTI, V. Narrativas na história oral. Anais do Simpósio Nacional de História João Pessoa: ANPUH-PB, 2004.
- MOREIRA, M. O Método fenomenológico na pesquisa. 1ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.
- GILL, R. Análise do discurso. In: Bauer & Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: Bauer & Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- KELLE, U. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. In: Bauer & Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- KRONBERGER, N. ; WAGNER, N. Palavras-chave em contexto: análise estratégica de textos. In: Bauer & Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- LIAKOPOULOS, M. Análise argumentativa. In: Bauer & Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. Pesquisa e educação especial: mapeando produções. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.
- MEUSER, M.; NAGEL, U. ExpertInneninterviews – vielfach erprobt, wenig bedacht. In: GARZ, D.; KRAIMER, K. Qualitative-empirische sozialforschung. Konzepte, methoden, analytischen. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1991.

- NATANSON, M. Introducción. In: SCHUTZ, Alfred. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu, 1974. p. 11-32.
- PENN, G. Análise semântica de imagens paradas. In: Bauer & Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, 2013.
- QUEIROZ, M.I.P. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. 2.ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.
- SCHUTZ, A. El problema de la realidad social 2ª reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.
- SCHUTZ, A. El sentido común y la interpretación científica de la acción humana. In: El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.
- SCHUTZ, A. Estudios sobre teoría social. Escrito II. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- SCHUTZ, A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. Las estructuras del mundo de la vida. 2ª reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.
- SCHUTZE, F. "Pressure and guilt". International Sociology, 7, p.167-208, 1992.
- WELLER, W.; ZARDO, S. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 131-143, jul./dez. 2013.